

Chamam-lhe AI SLOP ou Lixo Digital. Sabe o que é?

written by Mário Portela | 2 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Vivemos rodeados de palavras, imagens e sons como nunca antes. O problema é que, cada vez mais, **essa abundância não é sinónimo de riqueza** – é apenas ruído. Um ruído espesso, pegajoso, omnipresente. Um ruído que se disfarça de conteúdo, mas que na verdade é lixo digital produzido em série, sem pensamento, sem ética e, sobretudo, sem humanidade. **Chamam-lhe AI Slop**. Eu chamo-lhe o reflexo perfeito de uma era que confundiu velocidade com inteligência e quantidade com valor.

Falar deste tema é essencial porque estamos a assistir, em directo, à erosão silenciosa da capacidade crítica. Esta crónica existe n' **O Cidadão** precisamente por isso: porque este é um projecto raro e necessário de jornalismo livre, sério e sem medo de incomodar. Um espaço onde ainda se acredita que pensar dá trabalho – e que esse trabalho importa. Num tempo em

que muitos preferem cliques fáceis e emoções baratas, dar voz a reflexões incómodas é um acto quase subversivo. Aqui, ainda se escreve para cidadãos, não para algoritmos.

O chamado lixo digital não nasce da tecnologia. Nasce da preguiça humana. Da velha tentação do “dinheiro fácil” embrulhada numa embalagem nova e reluzente chamada Inteligência Artificial. A IA apenas ampliou aquilo que já existia: a vontade de produzir sem criar, de publicar sem compreender, de vender sem entregar nada de substância. Blogs que dizem tudo e não dizem nada. Livros que ninguém escreveu mas muitos vendem. Imagens que exploram emoções primárias para gerar partilhas automáticas de cérebros em piloto automático.

E depois há o circo das redes sociais: crianças inexistentes a chorar, veteranos falsos a implorar atenção, animais inventados à espera de um milagre em forma de “gosto”. **Tudo fabricado. Tudo eficaz. Tudo profundamente triste.** O drama não está apenas em quem cria – está em quem partilha sem pensar, em quem reage sem questionar, em quem abdica voluntariamente do uso do cérebro porque é mais confortável sentir do que refletir.

O efeito colateral é ainda mais grave: as próprias inteligências artificiais começam a ser treinadas com este entulho. **Dados gerados por IA a alimentar IA. Um ciclo fechado de mediocridade** crescente que conduz ao chamado *colapso do modelo*. Tradução simples: máquinas cada vez mais confusas porque os humanos decidiram ensiná-las com lixo. É como esperar boa literatura de uma biblioteca feita apenas de rascunhos mal escritos.

Convém esclarecer algo que muitos fingem não entender: **usar IA não é sinónimo de produzir lixo digital.** A diferença está no cérebro que a comanda. A IA pode libertar tempo, amplificar pensamento, acelerar processos. O problema surge quando é usada como substituto da responsabilidade, do critério e da autoria. Há quem escreva mais porque pensa mais – e há quem

publique mais porque pensa menos. A tecnologia não tem culpa dessa distinção.

A pergunta que fica não é tecnológica, é moral: que internet queremos alimentar? Um ecossistema de pensamento ou um aterro de conteúdos descartáveis? Cada clique é uma escolha. Cada partilha é um voto. E denunciar, questionar, verificar deixou de ser um gesto opcional – é um dever cívico digital.

Se esta reflexão lhe fez sentido e quiser aprofundar o tema, o episódio 39 do podcast **“IA & EU”** mergulha sem filtros neste fenómeno do lixo digital, com exemplos concretos, crítica frontal e propostas claras para quem ainda acredita que a inteligência – artificial ou humana – exige responsabilidade. Está disponível nas plataformas habituais. Porque pensar continua a dar trabalho. E ainda bem.